



CAPÍTULO I

Extensão universitária: memória, narrativa e formação docente¹

Érika Oliveira Amorim Tannus Cheim²

1 Este texto é um dos resultados do Projeto de Extensão “A universidade, o museu e nós: memória e patrimônio nos caminhos da Extensão”, financiado pelo Programa Institucional de Apoio à Extensão (PAEx/UEMG).

2 Professora no Curso de História da UEMG, unidade Carangola. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: erikaoamorim@hotmail.com.

Introdução

Desenvolver ações pautadas na tríade ensino-pesquisa-extensão era o alicerce do projeto desenvolvido na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Carangola, entre 2014 e 2016, tendo o Plano Nacional de Extensão Universitária (PNExt) como norteador de suas diretrizes. Nele, a extensão era vista como uma via de mão dupla, que possibilitava troca de saberes entre universidade e comunidade. Além disso, objetivava dinamizar o acesso de estudantes do ensino fundamental ao Museu e Arquivo Histórico de Carangola³, incentivando a valorização do patrimônio histórico e cultural local. Ao mesmo tempo, proporcionava aos discentes de história e turismo o contato direto com o acervo histórico e arquivístico, a experiência do ensino de história e a organização de visitas guiadas.

Durante a elaboração desse projeto de extensão, buscou-se valorizar o lugar de memória existente na cidade, uma vez que Carangola se destaca pelo seu patrimônio histórico material e imaterial. E, também, transformar o espaço do Museu e Arquivo Histórico em local de pesquisa e prática extensionista, numa parceria entre UEMG e Prefeitura Municipal, entidade pública responsável por mantê-lo. A parceria não foi implementada, no entanto, ainda permanece como uma possibilidade para o curso de história da universidade.

A relevância social, necessária em um projeto de extensão, firmava-se na promoção do acesso da comunidade aos bens culturais e

3 O Museu e Arquivo Histórico de Carangola foi criado em 1950 e instituído por meio da Lei Municipal nº. 205, de 14 de maio de 1959. Possui um vasto acervo de documentos históricos, fotografias, mobiliário, artes sacras, obras de arte produzidas por artistas locais, artefatos de povos indígenas que viveram na região, bem como achados arqueológicos. Está sob a tutela da Secretaria Municipal de Cultura e, desde 2005, localizado em um galpão construído em 1919, cedido em comodato pela Empresa Barbosa & Marques à Prefeitura Municipal de Carangola por um período de 20 anos. Atualmente, o espaço físico é precário, apresentando problemas de infiltrações que comprometem o acervo.

patrimoniais da cidade, valorizando os saberes populares na construção do conhecimento. Os estudantes do nono ano do ensino fundamental da rede pública estadual, ao participar das oficinas temáticas e das visitas guiadas ao museu, se tornavam multiplicadores de noções sobre o patrimônio histórico-cultural local.

A extensão universitária – assim como museus, espaços expositivos, teatros, galerias, bibliotecas, arquivos e centros de documentação – permite a interligação entre as culturas científica e das humanidades. Ou seja, é indispensável para a mediação entre os produtores de conhecimentos e bens simbólicos e os destinatários da ação universitária, sejam eles estudantes ou sujeitos externos à universidade (DE PAULA, 2013).

Metodologicamente, as atividades do projeto amparavam-se na observação simples, e os registros davam-se por meio de fotografias, filmagens e cadernos de campo, posteriormente analisados pela equipe. Segundo Marconi e Lakatos (2011), a técnica da observação não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar os fatos ou fenômenos que se deseja estudar. Os cadernos de campo registravam, além de aspectos da prática extensionista, as percepções da professora orientadora, no que se referia à participação e ao envolvimento dos estudantes de graduação. Para a elaboração deste texto, a bolsista – hoje professora de história – concedeu uma entrevista na qual instigamos suas memórias sobre a participação, principalmente no que se refere à sua formação docente.

O projeto foi encerrado em dezembro de 2016, dentro do prazo previsto pelo edital que concedia a bolsa para a estudante. A fase final de execução do trabalho foi prejudicada pela impossibilidade de acesso ao Museu e Arquivo Histórico de Carangola, dadas as condições estruturais que impediam a visita: o espaço foi fechado para reformas quando a pesquisa estava sendo concluída. No entanto, o balanço que se fez é que o projeto alcançou uma relevância social ampla. Essa afirmação foi corroborada pelo resultado alcançado pela

aluna: em decorrência das reuniões para a discussão dos conceitos de patrimônios materiais e imateriais – essenciais para a realização das oficinas temáticas –, ela adquiriu conhecimentos importantes para a elaboração de um projeto de pesquisa e foi aprovada no mestrado profissionalizante na área de patrimônio.

A atividade extensionista como incremento da formação docente

Um dos desafios do processo de formação de professores de história é a conscientização quanto à construção do saber histórico e o reconhecimento de que o sujeito no espaço escolar é dotado de cultura, valores e memórias, sendo o professor um agente de transformação desses diferentes conhecimentos. Essa ação de integrar a teoria ao que os estudantes já trazem consigo consiste em uma dialética de significações e ressignificações, produzidas em meio às interações, que podem ser desenvolvidas em diferentes espaços, além da sala de aula. As atividades extensionistas possibilitam tal experiência, pois fundamentam-se no aprofundamento do papel das instituições educadoras e no comprometimento com a transformação social, aproximando a comunidade da produção científica.

A partir dos anos 1980, surge no Brasil o momento “Acadêmico Institucional”, quando as ideias de Paulo Freire passam a basear conceitos e práticas da extensão universitária. Desse modo, torna-se um processo educativo que estabelece uma via de mão dupla entre universidade e comunidade, na qual ensino e pesquisa se articulam de forma indissociável. Nesse contexto, são sujeitos tanto professores e estudantes quanto os destinatários das ações de extensão, pautados por compartilhamento, diálogo, interação e construção coletiva de saberes.

Neste caso, o projeto buscava trabalhar a formação e a prática docente da estudante de licenciatura em história, através de ações

que envolviam o intercâmbio entre comunidade e escola. Esse contato desenvolveu habilidades relacionadas a ensino, pesquisa e extensão, durante as oficinas temáticas sobre patrimônio histórico e cultural ofertadas a estudantes da rede pública estadual. Assim, a bolsista se debruçou sobre os conceitos e abordagens teóricas e aproximou-se da pesquisa científica, ao mesmo tempo em que fazia extensão e ensinava história. As suas memórias, registradas na entrevista, reafirmam tais aspectos:

O primeiro Projeto de Extensão que participei foi minha primeira experiência em uma sala de aula. Todas as vezes que penso nas experiências em questão, me recorrem as inúmeras tentativas de aproximação com os alunos e a forma com que ao longo das oficinas eles demonstravam interesse. Lembro de uma vez que os alunos não queriam ir ao museu, quando tivemos que voltar ao colégio, eles disseram em coro: 'Mas já, professora?'. Essa aproximação com os alunos e a aproximação destes com o patrimônio da cidade são minhas primeiras lembranças ao falar de 'projeto de extensão' (BOLSISTA, 2017).

Essa narrativa mostra como a atividade extensionista esteve atrelada à sua formação docente, possibilitando a experiência do ensino de história em consonância com a realidade da sala de aula. Nesse sentido, Castro (2004, p. 14) afirma que a extensão produz conhecimento a partir da prática e proporciona a capacidade de narrar sobre o seu fazer. Assim, os relatos da professora, que fazem parte das memórias de sua formação, são os registros de seus fazeres no projeto. Quando questionada se essa participação superou as expectativas, ela respondeu:

Eu diria que até além do que imaginava, principalmente por ter sido minha primeira experiência com a docência. A dinamicidade do projeto, em seus anos de execução,

possibilitou inúmeras trocas de experiências que fizeram com que eu aprendesse a lidar com a sala e começasse a me construir enquanto professora (BOLSISTA, 2017).

A licencianda também menciona a relevância do projeto para sua aprovação no processo seletivo de pós-graduação:

As inquietações que surgiram no decorrer das oficinas e visitas guiadas contribuíram tanto para minha formação docente – no sentido de conseguir de forma didática mostrar aos alunos que são parte desse patrimônio, ainda que não tenham vivido na época em que foram constituídos; como também estimulou meu interesse em compreender como as diversas temporalidades que estão representadas no museu guardam a memória da cidade, que por sua vez está em constante processo de transformação, trazendo consigo novos sujeitos. Neste sentido, o projeto também estimulou meu ingresso no mestrado (BOLSISTA, 2017).

O curso é o Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), aprovado em 2014 e vinculado ao Departamento de História da instituição. A professora, que antes de ser bolsista atuou como aluna voluntária, acompanhou as atividades do projeto por dois anos consecutivos. Isso permitiu que ela desenvolvesse habilidades no ensino de história, demonstrando a relevância do conhecimento teórico para a prática do historiador e do professor. Assim, a licencianda transitou pelos campos da pesquisa, do ensino e da extensão e desenvolveu habilidades de elaboração de projetos de trabalho, aliadas à fundamentação teórica e ao interesse pela pesquisa científica. Este último foi incentivado pelas apresentações em eventos acadêmicos, como os Seminários de Pesquisa e Extensão da UEMG.

Há que se destacar que o contato com a sala do nono ano do ensino fundamental foi impactante para os graduandos, tanto por ser a primeira experiência no ambiente escolar como por causa da indisciplina da turma, que fazia com que os licenciandos ficassem muito tímidos nas primeiras oficinas. Tal fato desencadeou, inclusive, a desistência de um dos estudantes voluntários.

Na primeira oficina, os estudantes receberam a equipe do projeto com indiferença e, em alguns momentos, hostilidade. Os graduandos representavam *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000) para eles. Esse contato inicial foi tema de inúmeras reuniões e estudos da equipe, em busca de alternativas para viabilizar o trabalho.

São recorrentes questões como desinteresse ou indisciplina na sala de aula. Mas isso se converteu em ponto positivo para a formação docente, pois os graduandos foram obrigados a rever estratégias e elaborar atividades que incentivassem a participação dos alunos e despertassem a motivação. A disciplina tem papel preponderante, pois – ao assegurar os limites das vontades individuais e o controle dos impulsos egoístas dos jovens – garante-se a ordem, a continuidade e o respeito à vida social (SETTON, 1999, p.77). Discutiram, naquela ocasião, como conquistar a obediência e respeito à autoridade do professor, que, segundo Furter (1979), tem duas funções distintas: ensinar o aluno a se normatizar e levá-lo a usar sua liberdade. O desinteresse dos estudantes foi lembrado pela professora entrevistada:

No ano em que fui bolsista conheci um aluno. Em nossa primeira oficina esse aluno se manteve afastado e não fez questão de participar de nada. Uma aluna voluntária do projeto nos disse que ele morava em um abrigo e tinha uma família bastante problemática, então nós tentamos fazer com que esse aluno se sentisse acolhido. Na segunda oficina nossa orientadora o convenceu a fazer uma atividade sobre memória, ele fez uma colagem. Na terceira

vez que nos vimos ele sorriu e participou da montagem da “linha do tempo” que havíamos proposto como atividade e nem precisamos insistir muito. Ao longo dos dias, nos encontramos algumas vezes no centro da cidade e o aluno que mal me olhava na sala passou a me cumprimentar! Esse acontecimento me marcou muito e mostrou que ser professor envolve sensibilidade. Todas as vezes que leciono procuro fazer com os alunos se sintam acolhidos e que sintam que serão ouvidos (BOLSISTA, 2017).

A sensibilidade do professor em sua atuação e a criação de possibilidades para envolver o aluno na construção do conhecimento foram despertadas durante a participação nas ações do projeto de extensão. O desenvolvimento dessas competências é essencial à prática educativo-crítica, dados por Freire:

[...] é preciso que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como um sujeito da produção do saber, se convença, definitivamente, de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p. 25).

Envolver os estudantes no processo de aprendizagem foi uma das alternativas propostas pela equipe, especificamente pelos graduandos, que se colocaram no lugar dos alunos para pensar uma prática que instigasse a participação. Foi assim que surgiu a ideia de eleger monitores, escolhendo, estrategicamente, os mais indisciplinados, o que foi positivo para as etapas posteriores do projeto e, ainda, minimizou problemas com indisciplinada.

Questionada se as dificuldades encontradas durante o projeto a desestimularam a seguir carreira na docência, respondeu:

Sim, eu me sentia deslocada por nunca ter tido contato com uma sala de aula e sentia que talvez a licenciatura não fosse para mim. Na medida em que fui me envolvendo com as atividades do projeto percebi que eu não poderia ser outra coisa, eu precisava ser professora. E se algum amigo pedisse minha opinião para ingressar na carreira docente, eu diria a ele que as coisas não são fáceis, mas vale a pena. Quando você compreende que pode contribuir com o crescimento de alguém e que essas experiências fazem com que você também cresça, ser professor se torna um exercício de cidadania. É preciso ter muita responsabilidade, dedicação e paciência (BOLSISTA, 2017).

Essas percepções da entrevistada sobre a experiência docente possibilitada pela atividade extensionista reafirmam a importância do contato com a sala de aula como forma de compreender o ensino de história inserido nas práticas escolares, para além das discussões teóricas histórico-pedagógicas.

O processo de formação de professores perpassa a imersão nos conhecimentos historiográficos, pedagógicos e curriculares, mas o maior desafio é demonstrar que quem se encontra nos espaços escolares é sujeito de saberes, experiências, memórias e valores. Mediar a construção do conhecimento requer o fornecimento de elementos numa dialética entre afetividade e racionalidade, simbólico e imaginário, mediação e desafio, ciência e arte, conforme Barbier (2002).

Interagir com estudantes na sala de aula não foi uma experiência fácil para a jovem professora. No entanto, foi desafiador em razão da proposta do projeto, que demandava uma participação efetiva dos estudantes, pois eram oferecidas oficinas temáticas cuja participação ativa era fundamental. Repensar ações, rever estratégias e envolver os alunos nas atividades propostas foram dificuldades diárias

vivenciadas pela equipe e que se converteram em incremento da formação docente.

Considerações finais

As atividades de extensão podem contribuir para a formação docente e se consolidar como respostas aos desafios colocados às universidades públicas e privadas do Brasil. Por meio das narrativas de uma jovem professora de história, buscou-se demonstrar que as práticas escolares exigem dos docentes muito mais do que o conhecimento específico adquirido na universidade. Evidenciou-se, ainda, a necessidade de se articularem diferentes saberes e espaços no processo de formação, utilizando como exemplo o museu e a escola em diálogo permanente com a comunidade acadêmica.

Destarte, a participação da bolsista nos eventos acadêmicos institucionais promovidos pela UEMG – como Seminários de Pesquisa e Extensão, Semana UEMG e Seminários Acadêmicos do curso de História – possibilitou seu contato com a comunidade acadêmica. Tal fato a conscientizou do compromisso do pesquisador para com a sociedade, oferecendo uma contrapartida das pesquisas fomentadas por bolsas de incentivo.

A atuação no projeto de extensão apresentado envolveu diferentes atores sociais: comunidade escolar (pais de alunos, coordenação da escola, professores e equipe pedagógica) que recebeu as oficinas; universidade, através do Núcleo de Pesquisa e Extensão, que aprovou as ações do projeto; a professora universitária que coordenou a equipe; e os discentes da UEMG que se dedicaram ao trabalho, cumprindo o cronograma e vivenciando o papel de extensionista. Essa vivência profissional se agregou à formação universitária e promoveu – principalmente para estudante bolsista – uma trajetória acadêmica de possibilidades.

Referências

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Brasília: Liber-Livro, 2002.
- BOLSISTA. [Entrevista cedida a] Érika Oliveira Amorim Tannus Cheim (dez. 2017). Carangola, 2017. 1 arquivo.mp3 (19 min.).
- CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. *In*: Reunião Anual da Anped, 27, Caxambu, 2004. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/t1111.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2017.
- DE PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces**: Revista de Extensão da UFMG, v. 1, n. 1, p. 5-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdf>. Acesso em: 11 ago. 2017.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FURTER, Pierre. **Educação e reflexão**. Petrópolis. Vozes. 1979.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2011.
- SETTON, Maria da Graça J. As transformações do final do século: resignificando os conceitos de autoridade e autonomia. *In*: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1999. p. 71-84.

Leitura complementar

- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2006.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993, p. 23.